

Experimentações para habitAR o mundo com as ciências: lampejos coletivos

Experiments to IHabit the world with science: collective insights

Experimentos para habitAR el mundo con ciencia: reflexiones colectivas

TIAGO AMARAL SALES¹

FERNANDA MONTEIRO RIGUE²

LAÍS CRISTINA VIEL GERETI³

BRENO FILO CREAÇÃO DE SOUSA GARCIA⁴

NATÁLIA BATISTA PEÇANHA⁵

ANNA LAURA ALVES VILELA⁶

ROGER DA SILVA WEGNER⁷

HANNIEL RODRIGUES DE MASCENA⁸

MILIAM JULIANA ALVES FERREIRA⁹

RESUMO: O que pode um coletivo que se coloca na tarefa de criar lampejos de modos possíveis de habitAR o mundo com as ciências? A partir deste questionamento, integrantes do “habitAR: grupo de estudos e pesquisas em ciências, educação e vida” (CNPq/UFU) se colocaram na tarefa de experimentar coletivamente escritas e imagens que dessem vazão às percepções de caminhos possíveis para desacelerar as ciências e tecê-las em relações engajadas no/com o/pelo mundo e a vida.

PALAVRAS-CHAVE: Ciências; formação; educação; poéticas; criação.

ABSTRACT: What can a collective that sets itself the task of creating insights of possible ways of INhabiting the world with science do? Based on this question, members of “habitAR: grupo de estudos e pesquisas em ciências, educação e vida” (CNPq/UFU) set

1. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
2. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
3. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
4. Universidade Federal do Pará (UFPA).
5. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
6. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
7. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
8. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
9. Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

themselves the task of collectively experimenting with writings and images that would give rise to perceptions of possible paths to slow down science and weaving, them in engaged relationships in/with/for the world and life.

KEYWORDS: Siences; training; education; poetic; creation.

RESUMEN: ¿Qué puede hacer un colectivo que se propone vislumbrar posibles formas de habitar el mundo con las ciencias? A partir de esta pregunta, los integrantes de “habitAR: grupo de estudos e pesquisas em ciências, educação e vida” (CNPq/UFU) se propusieron experimentar colectivamente con escritos e imágenes que dieran lugar a percepciones sobre posibles caminos para frenar la ciencia y tejiéndolos en relaciones comprometidas en/con/para el mundo y la vida.

PALABRAS-CLAVE: ciencias; formación; educación; poético; creación.

EXPERIMENTAÇÕES COM AS CIÊNCIAS

“Nós não sabemos se, ou como, poderemos compor com Gaia, mas não temos outra opção senão confiar que podemos fazer alguma diferença, por menor que seja; uma diferença que invoque outras diferenças acontecendo em outros lugares.”

Isabelle Stengers (2023, p. 2008)

O que pode um grupo de estudos e pesquisas que se coloca no movimento de coletivamente ler, conversar e estudar? O que pode uma pausa/intervalo na sufocante correria da vida acadêmica? O que podem os afetos e os sonhos, quando coletivos na/com a/pela educação, formação, pesquisa? O que pode o ato de experimentar outros modos e velocidades de pesquisar, de aprender, de cocriar? O que pode o desejo de engajarmo-nos de formas mais lentas, sinceras, cuidadosas, atentas com as ciências, com a vida, com o mundo?

É a partir desses atravessamentos que nos colocamos coletivamente no ato de pensarmos juntos/as no *habitAR: grupo de estudos e pesquisas em ciências, educação e vida*, espaço criado no ano de 2024, registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e sediado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal.

O antropólogo britânico Tim Ingold (2015) afirma na obra *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição* que “O ocupante ocupa uma posição em um mundo já pronto; o habitante contribui através da sua atividade para a contínua

regeneração do mundo” (p. 247). É junto desta compreensão de Ingold (2015) que emerge o título do nosso grupo, pensado como território potente para reativar nossa capacidade de metamorfosear (n)o mundo, tendo a ciência, a vida e a educação como disparadores de diálogos, relações e criações coletivas.

Como atividade inicial do grupo *habitAR*, em agosto de 2024, propusemos a construção de uma territorialidade de estudos e conversações que tangenciasse os temas de interesse do grupo, em perspectivas que ultrapassassem a lógica moderna do disciplinar, colocando os/as interessados/as para pensar – juntos/as – acerca de questões vivas de interesse coletivo.

Um primeiro convite a nos atravessar foi a leitura do livro *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*, da professora e pesquisadora em filosofia e história das ciências Isabelle Stengers (2023). Acolhemos este chamado de estudo-conversa-criação coletiva e lançamos a abertura desse espaço de pensamento-vida-educação a quem se interessasse. Diversas pessoas, de diferentes territórios e horizontes formativos (Matemática, Serviço Social, Biologia, Química, Administração, História, Artes Visuais, entre outras) se interessaram a compor-lo conosco, sobretudo professores/as do ensino superior e da educação básica e estudantes vinculados/as aos cursos de licenciatura da UFU, Campus Pontal. Nossos encontros aconteceram em sua maioria na modalidade presencial, contudo, pessoas de diferentes Estados e, inclusive, de fora do país, estiveram conosco por meio de videochamadas *online*, tanto utilizando *notebooks* quanto dispositivos móveis. A estratégia encontrada para a realização dos encontros quinzenais tinha como cerne a leitura prévia dos capítulos a serem empreendidas pelos/as participantes, seguida de uma conversa entre todos/as os/as presentes em dia e horário previamente acordados.

A partir da leitura da obra de Isabelle Stengers (2023) tivemos a oportunidade de tensionar os agenciamentos da ciência rápida que atravessam o nosso presente, descolando nossos corpos da presença, da atenção, do cuidado para os efeitos/consequências daquilo que produzimos e, ao mesmo tempo, do quanto nossas criações muitas vezes atendem única e exclusivamente aos intentos de uma economia industrial, competitiva, meritocrática, simplificadora e reducionista, a qual estabelece convenções que colonizam o pensamento, a produção de perguntas e práticas na ciência.

Por meio dos nossos encontros fomos deslocados/as a pensar no que pode uma ciência que se coloca na tarefa ética-política de desacelerar, de dialogar, de romper barreiras, de levar a sério uma convivência com/entre outros modos de conhecer, com outros modos de pensar, de escrever, de ensinar, de criar. Uma ciência lenta

como desafio que é dirigido a todos/as os/as acadêmicos/as em direção a civilizar os/as cientistas, ou seja, “[...] a habilidade, demonstrada por membros de um coletivo particular, de se apresentar de uma maneira que não insulte membros de outros coletivos, isto é, de uma maneira que possibilite um processo de produção de relações” (Stengers, 2023, p. 142). A ampliação da capacidade de cultivar relações é aposta para trazer a tona a pluralidade das ciências, buscando a multiplicação de chances de resistir e reativar aquilo que foi capturado e engessado, indo ao encontro de pensar, imaginar, fabular novos modos para viver, cooperar e compartilhar para “[...] retomar um futuro no qual valha a pena viver” (Stengers, 2023, p. 209).

Sentir/pensar/tensionar tudo isso nos convocou a criarmos juntos/as, e ao nos encontrarmos com a chamada *Experimentações com palavras, imagens e sons na pesquisa em Educação*, da *Revista Leitura: Teoria & Prática*, nos colocamos no movimento de, ao longo de diferentes encontros que aconteceram no segundo semestre de 2024, experimentarmos também em escritas e produções imagéticas coletivas. Nesse agenciamento tivemos como eixo guia o interesse em tensionar e pensar em que modos de habitar as ciências sonhamos, desejamos e acreditamos. Para tanto, a questão mobilizadora que foi compartilhada entre todo o grupo foi: quanto, como e de que modos você pensa/sente/deseja ser possível habitar as ciências hoje, e o que toma relevo a partir disso?

Assim, materializamos este arquivo de experimentações coletivas que fluem por entre histórias e fabulações especulativas (Haraway, 2023), materializando palavras, imagens e composições que, nutridas em encontros intensivos, partiram de movimentações aparentemente individuais para criar corpo em criações que podemos chamar de nossas, em suas tessituras feitas a muitas mãos – que levam em consideração o habitar as ciências no presente. Desejamos, como nos ensina Antônio Bispo dos Santos (2023), confluir saberes, modos de vidas, caminhos, existências.

É um desejar de tecer relações com as ciências e com a nossa formação em íntimas relações na/em meio à/com a vida (Sales; Rigue; Dalmaso, 2023). Nesse sentido, “[...] palavras que, como ferramentas, ecoam e pluralizam nossas vivências íntimas e comunitárias, fabulando inventividades que dão a ver e pensar sobre habitar (...)” (Rigue; Sales, 2024, p. 03) as ciências no contemporâneo.

Após as experimentações poéticas escritas e imagéticas que se seguem, como parte final desse investimento coletivo, experimentamos o cultivo de um breve manifesto por modos possíveis, éticos, atentos e sensíveis para *habitAR* o mundo *COM* as ciências.

CICLO DA VIDA (ACADÊMICA)

Nascer, crescer, estudar, se graduar, (se der, publicar), escrever, fazer mestrado, ler, publicar, fazer doutorado, registrar, publicar, passar no concurso, publicar...

O que faz de nós sermos bons e boas? Bons professores e boas professoras, bons profissionais, bons pesquisadores e boas pesquisadoras? Seria o peso das publicações, as linhas de um Currículo Lattes que se alongam? Ou será que são as experiências que nos marcam? O que nos faz sermos aceitos e aceitas no círculo que nos cerca? Seríamos meras marionetes no palco acadêmico? Será que fomos iludidos/as, rendidos/as à lógica do poder e dos interesses que não são os nossos? Onde está a autonomia das perguntas que um dia nos inquietaram? Submetemo-nos às regras não escritas, tantas vezes cruéis, que ditam o que é ser bom. Quem, afinal, decreta se somos “de fato” (entre muitas aspas) bons/boas?

HabitAR?

Nos falta o AR...

Foram anos enclausurados no IAR
sem nem poder caminhAR

Nos falta o AR...

A fumaça das queimadas chega a nos sufocAR
Não nos deixando respirAR

Nos falta o AR...

O tempo passa como um piscAR

Nos falta o AR...

Qual o sentido de este espaço ocupAR
Que não seja colaborAR?

ColaborAR é dialogAR

Múltiplas formas de pensAR

De criAR, de experimenAR

HabitAR não é a superfície apenas ocupAR

É fazer morada, é interiorizAR

Até quando vão tentar nos calAR?

Deixaremos de habitAR?

Nos falta AR...

Mas seguimos a lutAR!

‘CIÊNCIA’ (EM CAIXA ALTA)?

Tem sido difícil sobreviver às demandas dessa academia propagadora da ‘CIÊNCIA’ (em caixa alta) que estigmatiza/segmentariza os modos de vida e os fluxos dos corpos pesquisadores e professorais. Não tem sido palatável conviver diariamente com o *modus operandi* de um fazer científico descolado da vida, dos desejos, dos anseios, pura e simplesmente pelo fato de que precisamos nos adaptar à moda da vez, ao tema da vez, àquilo que foi estabelecido por outros e às referências ‘do momento’ – para termos nossos intentos de pesquisa aceitos, reconhecidos e financiados. Esse modo de fazer a CIÊNCIA acontecer é insalubre e causa efeitos na própria carne, na própria possibilidade de existir neste mundo. Por mais chances de habitar as ciências (em minúsculo e com ‘s’) com saúde, atenção e cuidado(s). Desejos, sonhos, esperanças... ativas...

Assinado: Esperançosa (17 de setembro de 2024).

INTENTOS CRIATIVOS

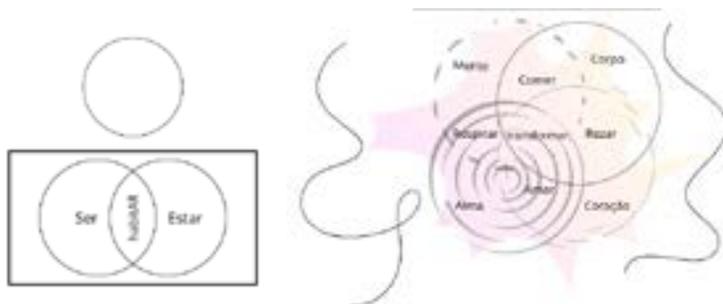
Já era tarde e mais uma vez me encontrava imerso em um lugar qualquer, entre uma leitura e outra, entre uma escrita e outra. Parecia que aquilo era o que me restava a fazer: pensar e criar. Experimentar. Fabular. Brincar... de fazer ciências? Brincar (d)e sonhar. Me formar enquanto me misturo com isso, nessa feitura de um corpo-vida que se coloca a envolver-se com as palavras. Um movimento intensivo, transformativo. Aprender a me situar em um tempo e espaço. Questionar. Compor juntos. Compor com. Talvez seja um pouco disso, né? Rascunhar as linhas que nos formam enquanto seres, enquanto redes, enquanto modos de *habitAR* e fazer com.

CoExistências...

O protótipo imagético abaixo é resultado de uma tentativa, sem sucesso, da Arte de imitar a vida – e seria possível?

Seguimos tentando, experimentando e compondo...

DIAGRAMA DE VIDA



Figuras 1 e 2 – Poema visual.

Fonte: Criado pelo autor na Plataforma Canva.

ECOS DE UMA CIÊNCIA APRISIONADA...



Imagem 3 – O que há para além dos muros de uma Universidade?

Fonte: De autoria própria.

Ei, Pare!

Escute...

Que som é esse?

Não sei ao certo.

Tenho a sensação que vem de longe, mas ao mesmo tempo parece vir de perto.

Talvez bem perto...

O que (h)ouve?

Não consigo entender/ouvir perfeitamente.

Seriam gritos? Seria choro? Seria rebeldia? Seria um pedido?

O que são esses ecos? O que esses ecos querem dizer?

Parece haver um conformismo inconformado nisso que se ecoa.

Também ouço algo como correntes se debatendo. Será que está preso em algum lugar?

Esse tilintar me faz tiritar!

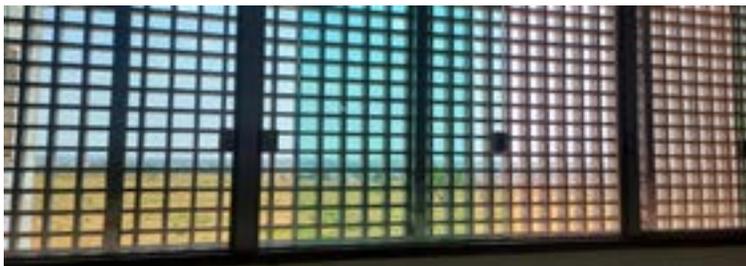


Imagem 4 – “Grades que aprisionam” a Ciência.

Fonte: Acervo da autora.

Alguém que se depara com esse texto e essas imagens pode se perguntar: “que grades são essas que aprisionam a Ciência?”. Talvez essa pergunta já tenha sido respondida, mesmo que de modo subjacente, seja nas linhas anteriores ou na própria experiência vivida...

Essas grades dizem de demandas, de caixas, de modos de ser-estar-escrever, que muitas das vezes são impostas. Dizem de um modelo a ser seguido e entender que somente esse caminho é o correto. Há um só modo de fazer Ciência? Há um só jeito de produzir? Ou mesmo se há diferentes maneiras... o “seu modo” é o melhor? Qual é o melhor? O que é “O MELHOR”?

As “grades que aprisionam” e “correntes” dizem, também, do modo como somos “avaliados”, duramente quantificados, segmentados, (en)formados.

O que te torna um bom pesquisador e uma boa pesquisadora?

Inúmeras publicações?

Participação em “n” congressos (com publicações)?

Lattes extenso?

Como cultivar relações com a vida em meio a isso tudo, com isso tudo, nisso tudo?

Entre-grades, suspiros...

Para seguir a pensar...

O CIENTISTA

O cientista está cansado.

Não, ele está exausto.

O cientista quer tempo,

não quer ser temporário.

Não quer ser amado por um sistema,

mas por um coração, por uma alma.

O cientista quer valor,

quer respeito e compreensão.

Não quer ser máquina que produz,

mas pessoa que sente.

O cientista quer pausa,

um descanso merecido,

onde se esqueça do peso do mundo

e se lembre do leve, do que é possível.



Imagem 5 – sem título – Fonte: Autora (2024).

REFLEXÕES ACERCA DE NOVOS HORIZONTES



Imagem 6 – sem título – Fonte: Registros e acervo do autor.
Em novas terras, venho a me aventurar,

Com sonhos, bagagem e vasto saber,
Caminhos a explorar...
Me deparo aos desafios que brotam, mas há honra,
Na ação de aprender e de ensinar.
Em um novo ambiente, desafios a enfrentar,
Me deparo com as incertezas, mas continuo firme,
Ao ver meus alunos aprenderem e acenderem
Sinto que estou trilhando um caminho novo a habitar...

UMA FABULAÇÃO ONÍRICA COM A TERRA¹⁰

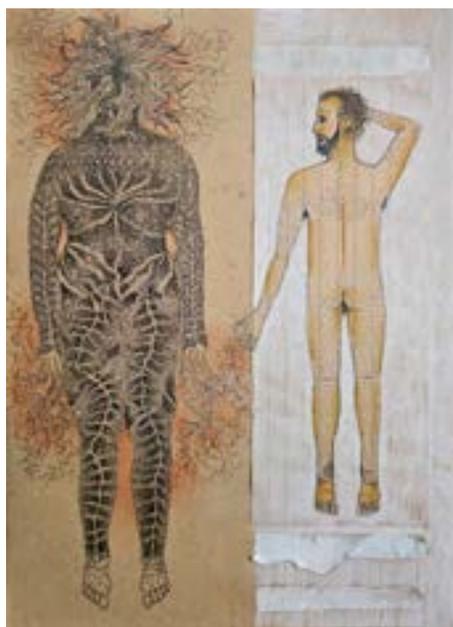


Figura 6 – Encontro Ctônico, da série Arutaua, de Breno Filo Creão de Sousa Garcia (2024).
Técnica mista de nanquim, grafite e pastel sobre colagem de papeis rejeitados. Dimensão: 21 x 27,9cm.
Fonte: acervo pessoal do artista.

10. Este texto integra a pesquisa poética (em processo) intitulada “Arutaua - uma terra imaginada entre confabulações onírico-oraculares”, de Breno Filo, cuja materialidade é composta para contextos de experimentação coletiva, como o *Grupo de Estudos e Pesquisas HabitAR*.

Certa vez, sonhei que estava diante de um corpo desfalecido. Supostamente humano. Tinha contornos curvilíneos. Eu não conseguia distinguir seu gênero, embora identificasse mais traços femininos que masculinos. De longe, parecia morto. Seu rosto, indistinguível, beijava o chão, o que tornava sua identificação quase impossível. Se encontrava coberto de texturas empoeiradas, enverrugadas, escamosas, fungiformes, microvegetais e terrosas. Suas cores variavam entre tons de pele empalidecida, verdes, marrons, avermelhados, pardos e alaranjados. Parecia uma escultura, alguma forma de instalação ou viveiro com forma de gente. Decerto que estava ali a muito tempo, pois sua materialidade era como um espelho do local em que nos encontrávamos. Uma trilha – escura, fria e vulnerável – em meio a floresta. A princípio, tive medo. Seria, de fato, um cadáver? Se sim, sua partida ocorreu por causas naturais ou um assassinato? Ou seria esta situação, como um todo, alguma forma de armadilha? Minha paralisia durou pouco tempo. Tão imediatas quanto as precauções eram as questões. Que custava me aproximar um pouco mais? Um lampejo invadiu-me e me impulsionou: – A implicação de um sujeito em qualquer acontecimento de seu contexto é indubitável. – Sussurrei, como em um encanto, antes de me aproximar de vez da criatura. Quando o fiz, me surpreendi com o que percebi. Conforme cheguei perto, gradualmente, constatei sua vivacidade. Era um corpo que vibrava de forma intensa, como asfalto quente sob a luz do sol a pino, ou o ronronar de um gato em êxtase. Respirava por cada poro. Oscilava e reagia à luz de minha lanterna. Mais que humana, talvez uma encantaria ou um sonhar. Uma existência que surgiu, diante de mim, emaranhada – deveras intrincada – de formas orgânicas e inorgânicas. Entrelaçadas. Um microverso engendrado para caber em uma silhueta andrógina. Estava viva, em absoluto. Viva e atenta, embora não se deslocasse. Ela deixava o mundo se mover por ela, formando aberturas, abrindo poros, tocas e cavidades. Bem de perto, eu conseguia ver. Raízes, pseudópodos, flagelos, patas e quelíceras traçaram rotas, aravam e semeavam a pele-solo, muitas outras criaturas faziam dali suas moradas. Me aproximei mais. Me deitei ao seu lado, como que tentando obter uma reação. Quis me mostrar presente. Quis saber se estava ciente de minha presença, se poderia me encarar, se poderia me ouvir chegando. Ao mesmo tempo, sentia um profundo respeito, e não lhe enderecei nenhuma palavra, tampouco a toquei. O som do farfalhar das folhas e dos gravetos rompidos com minha aproximação, juntamente com a vibração heterogênea produzida por aquele corpo-floresta, com seu ecossistema, eram a nossa única forma de comunicação naquele momento. Deitei, e a encarei. Por muito tempo. Até que, em determinado instante, senti uma nova vibração. Vinha debaixo. Do chão. A princípio,

sutil, com oscilação muito semelhante a do corpo vegetal. Devagar, insistente. Talvez a terra fosse se abrir entre nós, mas estava enganado. O que ocorreu foi uma espécie de porosidade, um efeito movediço. Me senti à beira da praia, embora não tivesse movido um milímetro dali. Me senti em uma daquelas poças de água de areia de praia, com meu corpo levemente submerso. Olhei para o lado e me surpreendi. Ela se dissolveu. Esfumou-se ao chão, a partir de suas bordas, como que em resposta ao chamado subterrâneo. Senti um beliscão, e a sensação de que algo havia se enroscado em minha mão. Levei-a ao rosto, e aproximei a luz da lanterna, para ver melhor. Era um pedacinho de raiz. Creio que desprendida dela. Sua muda. Acho que entendi seu desejo: atravessar desta floresta para outras. Guardei ela com cuidado em meu bolso, juntamente com um pouco daquela terra, para misturar ao seu futuro adubo.

Levantei, pedi licença, e segui meu caminho pela trilha da mata, até desaparecer de volta para o mundo desperto.

MODOS DE HABITAR

habitAR o mundo
 experimenAR a educação
 suspirAR um segundo
 respirAR um rojão

nas ciências ver
 um lampejo, uma possibilidade
 nos caminhos fazer
 um encontro, uma vontade

cultivar outros modos
 de escrever, de falar
 tecer com respons-habilidade
 as maneiras de avaliar

para um amanhã mais tranquilo
 a terra do hoje regar
 na lentidão do agora
 um caminho vivo semear

ASPIRAR MODOS E(M) MULTIPLICIDADES PARA HABITAR AS CIÊNCIAS

Corpos, aulas, reuniões, grupos de estudos e de pesquisas, avaliações, resenhas, laboratórios, relatórios, fichas, artigos, seminários, movimentos, resumos, eventos, escritas, submissões, recusas, burocracias-sem-fim, aprovações, medos, inseguranças, ansiedades, criações, e... e... e... São muitas as dimensões/atividades/complexidades que permeiam o nosso fazer-viver às ciências no ambiente universitário.

Vislumbrar um seguir para além do bem e do mal, do certo e do errado, das denúncias dos microfascismos e dualismos que estão em ação permanente nas nossas práticas contemporâneas e, ainda comprometidas com os desígnios do capital, eurocênicas, modernas, masculinas e brancocênicas. Apostamos, nesse empreendimento escritural coletivo, na chance de aspirar outros modos e multiplicidades para *habitAR* as ciências, a academia, a pesquisa, a formação. Modos esses que estejam comprometidos com a proliferação de relações éticas entre os diferentes seres e que rachem com as perspectivas industriais e meritocráticas que transformam tudo em mercadoria, objeto de troca e lucro, indo ao encontro da produção de corpos cansados, exauridos, cada vez mais *subjetivadores* de si enquanto peças que movimentam as engrenagens e desejos do capital.

Partindo dos encontros entre seres humanos e mais que humanos, apostamos na produção de germes de pensamento e vida nas ciências que estejam alinhados à dimensão cosmopolítica. Cada vez mais interessada na ampliação da presença e, portanto, da preocupação com a desaceleração das atrozes velocidades que nos atingem no contexto neoliberal e que tem assolado nossa possibilidade de futuro. Esse é um modo de fazer/viver/se relacionar com as ciências que desejamos, tentamos, sonhamos.

Por isso, situar, aterrar, localizar os saberes, as pessoas, as relações. Pensar quais tipos de alianças são possíveis, necessárias, urgentes e inegociáveis é parte do que entendemos ser crucial para qualificar nossas relações e habitações nas/com as ciências. Quiçá, possamos não ter medo dos problemas, ver o que eles podem nos ensinar. Levar a sério a poética, o sonho, o desejo, a vida e a multiplicidade em nossos trabalhos acadêmicos, na formação – nossa e de outras pessoas – de pesquisadores e pesquisadoras, de professores e professoras, nas produções, nas aulas e nos diálogos intensivos.

Compartilhar, compartilhar, experimentar. Acreditar no fazer/produzir ciências na/com as comunidades, com atenção e cuidado, com parcerias e diálogos, com

civilidade. Conectar com suas potências no que tange a percepção dos territórios é o que para nós toma destaque. Eis um caminho a tentar, a vislumbrar. Um caminho a seguir. Um caminho a caminhar...

REFERÊNCIAS

- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthluceno. Trad. Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.
- RIGUE, Fernanda Monteiro; SALES, Tiago Amaral. Encontros e Estórias de Vidas de Professores/as Formadores/as de Professores/as de Ciências Naturais. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 23, n. 37, p. e24016, jul. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.59666/Arete.1984-7505.v23.n37.3719>.
- SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. Modos de Habitar o Mundo: uma educação em ciências com/em meio à/pela vida. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 48, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236124171vso1>.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023. 216 p.

SOBRE OS AUTORES

Tiago Amaral Sales é Professor Adjunto nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica (PPGPEDU) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-doutorado em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/UFU). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Santa Catarina (UNESA). Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia (INBIO/UFU).

E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3555-8026>.

Fernanda Monteiro Rigue é Professora Adjunta nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Química, vinculados ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM). Licenciada em Química pelo Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul.
E-mail: fernandarigue@ufu.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2403-7513>.

Lais Cristina Viel Gereti é Professora Adjunta no curso de Licenciatura em Matemática, vinculado ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora e Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (PECEM/UEL). Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).
E-mail: lais.gereti@ufu.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5258-2757>.

Breno Filo Creão de Sousa Garcia é Artista visual, designer, educador e pesquisador atuante em Belém do Pará. Encontra-se em processo de doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES-UFPA). É mestre em Artes (PPGARTES-UFPA). É bacharel e licenciado em Artes Visuais (FAV-UFPA). É docente do ensino básico, técnico e tecnológico da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA/UFPA). É membro da Rede de Representantes Estaduais da Federação de Arte Educadores do Brasil (FAEB-Pará), pela Região Norte – Pará (Biênio 2024/2025). Desenvolve processos de criação em contextos de coletividade, partilha, confabulação e auto-ficção, com ênfase em experimentações literárias e com o desenho.
E-mail: brenofilo@ufpa.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6195-9774>.

Natália Batista Peçanha é Graduada em História pela UFRJ. Mestre e Doutora em História pela UFRRJ. Especialista em Ensino de História na Educação Básica pela UERJ-FFP. Professora Adjunta em História no Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Docente dos Programas de Pós-Graduação ProfHistória (UFU) e do PPGHMP (UFCat). Colaboradora do Neabi-UFU/Pontal e do Projeto Passados Presentes-MG. Membro pesquisadora dos grupos de pesquisas TRAMPA/UFRRJ e NEPEHD-UFU, HabitAr-UFU; e Filiada ao GTEP da Associação Nacional de História (Anpuh).

E-mail: nataliahist@hotmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2013-106X>.

Anna Laura Alves Vilela é Licencianda em Química pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal.

E-mail: annavilela011@gmail.com.

Roger da Silva Wegner é Professor Adjunto do Curso de Administração da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2014) e Licenciado em Gestão e Negócios pelo Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (PEG/UFSM, 2022). Possui especialização em Estatística e Modelagem Quantitativa (UFSM, 2017), é Mestre em Engenharia de Produção (UFSM, 2016) e Doutor em Administração (UFSM, 2023).

E-mail: rswegnerr@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2034-8034>.

Haniel Rodrigues de Mascena é Licenciando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal.

E-mail: hanielrodrigues1.o@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9433-4559>.

Miliam Juliana Alves Ferreira é Professora Adjunta no curso de Licenciatura em Matemática, vinculado ao Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Doutora e Mestre em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação

em Educação Matemática da Universidade Estadual de Paulista (PPGEM/UNESP). Licenciada em Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Guaratinguetá.

E-mail: miliam.ferreira@ufu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3405-9807>.

Recebido em 28 de janeiro de 2025 e aprovado em 24 de fevereiro de 2025.